

## GIORDANO BRUNO DIANTE DO ESPELHO – CASTIÇAL

Ideusa Celestino Lopes<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Curso de Filosofia, CENFLE, UVA; E-mail: [ideusalopes@gmail.com](mailto:ideusalopes@gmail.com)

### Resumo:

Giordano Bruno (1548 – 1600) é um pensador que usa o recurso autobiográfico em várias obras. O uso de tal recurso está presente na obra de vários intelectuais entre o período Renascentista e a Modernidade. Neste projeto procuramos investigar o uso dessa técnica no texto *Castiçal* publicado em italiano no ano de 1584. Nossa investigação teve como ponto de partida indagar se nesta obra estaria presente esse recurso e em caso afirmativo se as autodescrições corresponderiam à verdade dos fatos ocorridos ou se foram usadas apenas como um recurso literário. A pesquisa ainda está em andamento, mas já podemos nos posicionar no tocante ao recurso autobiográfico, não se apresenta com a mesma intensidade que identificamos na obra *A ceia de cinza*.

**Palavras-chave:** Autorretrato. Imagem. Memória

Giordano Bruno se sente especial, como sido escolhido pelos deuses. A partir dessa ideia, considera que a sua vida teria um propósito grandioso. Apesar das críticas recebidas e dos percalços sofridos, Bruno se apresenta como um abençoado diante da tarefa de debater com uma maioria discordante: “isso é um dom dos deuses, se te guiam e te concedem a sorte de te fazer encontrar um homem que não se considere ser o verdadeiro guia, mas que realmente o seja, e se, além disso, iluminam o interior do teu espírito para que escolhas o melhor” (BRUNO, 2012, p. 41). Acrescenta que os homens sábios e divinos são poucos e se sente feliz por fazer parte desse seletivo grupo.

A consciência de sentir-se especial, escolhido, é um traço comum que se repete entre alguns intelectuais no Renascimento. Segundo Ciliberto, 2007, não é um traço específico da personalidade de Bruno, mas é uma marca que se encontra em outros autores desse período que estabelecem uma relação entre obra e indivíduo. Essa relação pode representar uma imagem refletida diretamente como uma interpretação unilateral dos

fatos ocorridos, ou seja, como um personagem, que apesar da referência ao narrador, não é necessariamente uma escrita autêntica, pois também o narrador se torna um personagem. A apresentação de uma imagem positiva de si mesmo, no Renascimento, é exposta tanto através do recurso ao gênero autobiográfico como do autorretrato. Essa autorrepresentação está presente na obra de vários intelectuais, podemos citar entre outros: Benvenuto Cellin (1500 - 1571), Girolamo Cardano (1501 - 1576) Michel de Montaigne (1533 - 1592), Tommaso Campanella (1568 - 1639), René Descartes (1596 - 1650), Rembrant (1606 - 1669). Giordano Bruno usa esse recurso, especialmente nos textos publicados em italiano entre os anos de 1584 a 1586. O nosso objetivo principal esteve centrado na identificação da presença do uso ou não do recurso autobiográfico na obra *Castiçal*.

Em 1582 Bruno escreveu algumas obras usando a língua italiana, o que não era usual pois o idioma oficial, particularmente no ambiente acadêmico e literário era o latim. A primeira obra que abriu essa sequência foi *Castiçal*. No total publicou sete títulos. Esta obra tem um norte diferente das demais, pois segue o estilo da comédia. Segundo Ordine, Bruno “pretende fazer um primeiro ensaio de sua filosofia numa perspectiva explicitamente cômica, [...] capaz de antecipar alguns dos temas mais fortes de seu pensamento” (BRUNO, 2010, p. XVII). Bruno tem uma visão de filosofia que destoa do que era considerado filosófico, tendo Aristóteles como referência. Um traço importante que pode ser evidenciado, por exemplo, é a distinção aristotélica entre tragédia e comédia, e como Bruno ao invés de separar e distinguir aristotelicamente, inverte, contextualiza, o que pode ser tragédia para alguns pode ser visto como comédia por outros. Assim, o sério não poderia ser separado do riso. A obra *Castiçal* não deve ser vista apenas como um texto cômico em si mesmo, mas utilizando-se do recurso da comédia, do escárnio, do ridículo, Bruno pretende expor questões filosóficas que considera relevantes. Neste sentido é uma obra ácida, que produz uma crítica contundente à cultura do seu tempo, pode-se dizer que é uma crítica fora da curva, ou seja, não é muito bem aceita pela grande maioria, mas mesmo assim prende para si a tarefa de romper os grilhões que prendem o homem à ignorância, Bruno tem consciência de que está trilhando um caminho solitário e perigoso.

O texto inicia com um poema que na terceira estrofe: “eu que desejo em vão andar vestido, daqui me vou pelado como um Bia” (BRUNO, 2010, p. 03), está fazendo uma referência a Bia ou Biante, um dos sete sábios da Grécia Antiga que segundo a lenda passeava nu dizendo que levava consigo todos os seus bens. Tendo em mente o nosso olhar sobre o texto a partir da autodescrição, Bruno se apresenta nu, sem adereços, sem onde se ocultar, e de certa forma está pedindo ao leitor que escute o que tem a dizer antes que seja silenciado: “uma mesquinha de calças eu vos peço, antes que venha a tropa irada me descer a lenha” (Bruno, 2010, p. 04).

O texto é dedicado à senhora Morgana B. uma possível musa de Bruno de origem nolana, tal dedica pode ser considerado uma referência à cidade de Nola, e tem a esperança de que através das suas ideias quem sabe os nolanos “possam admirar meu espírito e mostrar que ele não está totalmente caduco” (Bruno, 2010, p. 06).

Giordano Bruno era natural de Nola, uma cidade próxima a Nápoles, deixou sua cidade natal quando tinha uns 15 anos e nunca mais retornou, mas em muitos dos seus textos faz referência a Nola, seja se apresentando como Nolano, ou trazendo referências as pessoas da cidade, parentes ou amigos da família. No *Castiçal* faz duas referências: a primeira quando dedica o texto a Sra. Morgana B., considerada como uma possível musa,

nascida também em Nola; num segundo momento, é quando uma personagem, a sra. Marta, faz menção as montanhas de Scarvaita, localidade próxima a Nola.

Castiçal é uma tradução da palavra italiana candelaiolo, que tem um duplo significado, mas que perde o sentido na tradução para o português. Candelaiolo pode significar tanto a peça que se utiliza para apoiar uma vela, seria o sentido usual da palavra, mas também tem uma outra conotação, de cunho homossexual, a vela indicando o órgão sexual e o castiçal aquele que recebe, nesse sentido castiçal, ou candelabro, designaria o homossexual. Mas a vela pode significar a luz que ilumina a escuridão: “No país que me encontro agora ela poderá esclarecer certas *Ombre dell’idee*, que realmente apavoram as bestas” (Bruno, 2010, p. 06). Apesar de ser um filósofo que está escrevendo uma comédia Bruno deixa claro que *Castiçal* não é uma obra de entretenimento.

*Castiçal* contém uma estrutura tripartite, ou seja, três histórias que se entrelaçam. Segundo Ordine, pode-se considerar que Bruno apenas fez a escolha de “colocar em cena três personagens típicos do teatro quinhentista: o apaixonado, o alquimista e o pedante” (Bruno, 2010, p. XXVI). Esses personagens são descritos da seguinte forma: o apaixonado ou o insosso amante, o castiçal, como sendo Bonifácio; o alquimista, o sórdido avaro Bartolomeu e Manfúrio, o pedante, que se considera culto e inteligente, mas que não passa de um estúpido que vive fora da realidade. Ao designar algumas características para cada personagem Bruno, no entanto, as entrelaça: “ao insosso também não falta sordidez e estupidez, o sórdido é por sua vez insosso e estúpido, e o estúpido não é menos sórdido e insosso” (Bruno, 2010, p. 09). Além desses personagens estarão presentes: Carubina (mulher de Bonifácio), Bartolomeu, Sra. Vitória, pintor Gioan Bernardo, necromante Scaramurè, alcoviteira Lúcia, Pollula, Ascânio, Mochione (criado de Bartolomeu), Consalvo (herborista), Marta (mulher de Bartolomeu), Sr. Otaviano. Após essas apresentações, expõe a estrutura e o que vai acontecer em cada cena e ato. O texto está dividido em 5 atos e cada um em várias cenas, por exemplo, o primeiro ato é composto por XIV cenas. O Primeiro ato, Cena I, tem por título *Bonifácio, Ascânio* e essa estrutura se apresenta ao logo dos atos e cenas.

A peça inicia com a própria encenação do texto, como se o público/leitor estivesse assistindo à encenação, no *Antiprólogo* faz o seguinte comentário, dirigindo-se ao possível público: “E eu não disse que esta comédia acabaria não acontecendo nesta noite? Aquela vagabunda que deveria representar Vitória e Carubina está menstruada”(BRUNO, 2010, p. 18), e se refere a outros atores também como Bonifácio, que se encontra embriagado e que descreve o autor, o próprio Bruno, do seguinte modo: “ele tem uma cara tão abatida, que parece estar sempre contemplando as penas do inferno (...) que ri somente para fazer o que os outros fazem; quase sempre o vereis enjoado, reticente e mal-humorado; (...) ranzinza como um velho de oitenta anos, lunático como um cachorro esfolado, enfasiado como alguém que só come cebola”(BRUNO, 2010, p. 18). Essa autodescrição, de modo explícito, é a única no texto. Bruno segue descrevendo o caos da estreia, enfatizado pela ausência daquele que deveria apresentar o prólogo, mas não está presente e então Bruno se desculpa e anuncia: “Senhores, a comédia não terá prólogo, mas isso não importa, porque não é necessário que ela tenha um” (BRUNO, 2010, p. 19). O autor ainda se dirigindo ao leitor/público procura convencê-lo que apesar da aparente desordem “é melhor assim que contar a estória certinha” (BRUNO, 2010, p. 19). Bruno chama a atenção do público para os personagens, pois dependendo da perspectiva de como os vêem podem rir ou chorar. E a peça terá de tudo um pouco: “teorias ociosas, definições fracas, pensamentos vãos, esperanças frívolas, explosões amorosas, revelações sentimentais, pressuposições falsas, espíritos confusos, imaginações perturbadoras, intelectos errantes; crenças desenfreadas, cuidados insensatos, investigações incertas,

sementes intempestivas e gloriosos frutos de loucura” (BRUNO, 2010, p. 20). O cenário em que a trama se desenvolverá tem como pano de fundo as ruas do bairro do Nilo na cidade de Nápoles, onde a vida se desenrola, mas Bruno considera que a vida é feia, permeada de subterfúgios, intenções obscuras, inveja, escárnio, “enfim, vereis que em tudo nada é certo, mas há muito que fazer, defeitos em abundância, pouco de belo e nada de bom” (BRUNO, 2010, p. 23). No segundo ato tem a fala de um personagem que se expressa da seguinte forma: “Acredito em tudo o que dizes, porque és meu mestre e quero te agradar” (Bruno, 2010, P. 58). Talvez representando a indignação ou constatação de uma sociedade no qual as pessoas não são verdadeiras e dizem o que os outros querem ouvir e o interlocutor quer ouvir o que lhe convém.

Os atos e cenas se arrastam de modo previsível e até certo ponto cansativo ao longo do texto. Os personagens são apresentados de um modo exageradamente caricatural o que de certo modo dificulta a expressão da comicidade deles, dando a impressão de que estamos diante de uma tragédia e não uma comédia, mas ao mesmo tempo é cômico porque não tem um herói, mas apenas vilões e todos sem caráter e escrúpulos nas suas ações, ou seja, cobra engolindo cobra.

Diante do exposto, estamos tendo dificuldades em identificar a presença do recurso autobiográfico no *Castiçal*, pois não se apresenta de modo tão explícito. Avaliamos que precisaremos de mais tempo e leituras para identificar qual a dimensão da presença de Bruno no texto e a relação com a exposição do seu pensamento filosófico.

Agradecemos à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação pelos constantes incentivos aos pesquisadores e ao desenvolvimento da pesquisa nas diferentes áreas do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BURCKHARDT, J. *A biografia*. In: **A cultura do Renascimento na Itália**. Tradução Sérgio Tellaroli. – São Paulo: Companhia da Letras, 2009. p. 302 a 311.

BRUNO, G. **Castiçal**. Texto estabelecido por Giovanni Aquilecchia; Introdução de Nuccio Ordine, notas de Giorgio Bárberi Squarotti; tradução de Alessandra Vannucci, Luiz Carlos Bombassaro (coord.) Caxias do Sul, RS. Educus, 2010.

\_\_\_\_\_. **Opere italiane**. Testi critici di Giovanni Aquilecchia. Coordinamento generale di Nuccio Ordine. Torino: UTET Libreria. Vol 1, 2002.

\_\_\_\_\_. **Opere italiane**. Testi critici di Giovanni Aquilecchia. Coordinamento generale di Nuccio Ordine. Torino: UTET Libreria. Vol 2, 2002.

CILIBERTO, M. **Giordano Bruno – Il teatro della vita**. Milano: Mondadori, 2007.

\_\_\_\_\_. **Bruno allo specchio. Filosofia e autobiografia nel Cinquecento**. In: *Rivista Rinascimento*, Vol XXXIV, 1994, p. 83 – 111.

LOPES, I.C. **Giordano Bruno diante do espelho – A ceia de cinzas**. In: *Revista Kalagatos*, Vol 17, N. 1, 2021, p. 24 a 36.